

EDUCAÇÃO E CULTURA QUILOMBOLA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Alda Eunice Reis Santos ¹

RESUMO

Este relato é fruto de um projeto de Iniciação Científica Júnior (IC Jr) desenvolvido em parceria com um estudante-bolsista do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) Pleno Vargem Grande, tem como foco a análise da educação oferecida à Comunidade Quilombola Rampa, em Vargem Grande, Maranhão. O estudo, intitulado "Educação Ambiental e fortalecimento cultural em comunidades tradicionais", objetiva identificar os desafios e as oportunidades inerentes à valorização da cultura e da identidade quilombola nesse contexto. A fundamentação teórica é robusta e de caráter decolonial, inserindo-se nas discussões sobre História Conectada e Transatlântica para romper com o olhar eurocêntrico da educação e do saber. O trabalho se apoia em autores que discutem a importância da representatividade, do pertencimento e da valorização das narrativas afrodescendentes, e utiliza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNs para a EEQ) como marco legal, buscando validar e legitimar os saberes ancestrais como ciência e pedagogia. Adotando uma abordagem qualitativa, a metodologia emprega entrevistas semiestruturadas com moradores e educadores da comunidade, além de análise documental de políticas educacionais. Os resultados parciais revelam que, apesar do aumento do interesse pela temática quilombola, persistem desafios significativos, como a precariedade estrutural das escolas e a necessidade de formação continuada de professores. Contudo, destacam-se oportunidades como o fortalecimento identitário e a valorização dos saberes tradicionais. As entrevistas evidenciam a interdependência entre território, natureza e identidade no cotidiano quilombola. A pesquisa demonstra ser uma ferramenta poderosa para a formação crítica e cidadã do jovem estudante, estabelecendo-o como articulador entre a academia e a comunidade. Espera-se que este estudo, não apenas contribua para a valorização da cultura local, mas também proponha ações concretas para a melhoria da qualidade da educação, transformando o espaço escolar em um local de resistência cultural e transformação social.

Palavras-chave: Educação, Cultura Quilombola, Identidade, Desafios e Oportunidades.

INTRODUÇÃO

A educação quilombola representa uma das expressões mais potentes da resistência e da continuidade cultural afrodescendente no Brasil. Enraizada na luta pela terra, pela memória e pela identidade, ela revela um campo fértil de reflexão sobre as relações entre escola, cultura e ancestralidade. No contexto maranhense, essas experiências educativas reafirmam o papel da escola como espaço de voz e visibilidade das comunidades tradicionais.

¹ Mestranda em História PPGHIS UFMA; aldaeunicereissantos@gmail.com

Este artigo tem como objetivo discutir os desafios e oportunidades da educação e cultura quilombola, a partir da experiência desenvolvida no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA Pleno Vargem Grande, por meio da pesquisa de Iniciação Científica Júnior Educação Ambiental e fortalecimento cultural em comunidades tradicionais. A pesquisa, iniciada em fevereiro de 2025, foi desenvolvida pela autora, Alda Eunice Reis Santos, na condição de orientadora, e pelo estudante Maycon Lima dos Santos, como bolsista de Iniciação Científica Júnior (CNPq).

A investigação insere-se nas discussões sobre História Conectada, Transatlântica e Decolonial, que buscam romper com o olhar eurocêntrico da história e da educação (cultura como processo híbrido, dinâmico e participativo).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados parciais da investigação, desenvolvida em parceria colaborativa entre orientadora e estudante de Iniciação Científica Júnior, revelam uma tensão dialética na Educação Escolar Quilombola: a persistência de múltiplos desafios estruturais coexiste com o surgimento de oportunidades robustas para o fortalecimento da identidade e da cultura local. No campo dos desafios, o estudo confirma que a comunidade Rampa, em Vargem Grande, enfrenta problemas críticos. A precariedade estrutural das escolas, a escassez de recursos adequados e a necessidade latente de formação continuada e específica para os professores são obstáculos que persistem. Tais limitações representam, na prática, o reflexo da desigualdade histórica e o não cumprimento efetivo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNs para a EEQ), cuja plena implementação ainda carece de políticas públicas mais eficazes, conforme busca a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (Pneerq).

Em contrapartida, o projeto identificou oportunidades significativas que atuam como mecanismos de resistência e transformação pedagógica. Observou-se o fortalecimento identitário dos estudantes, a apropriação das tecnologias como ferramenta de difusão cultural e a imperativa valorização dos saberes tradicionais. A escola Antônio Atanásio Fernandes, apesar de suas limitações físicas, atua como um espaço vital de resistência cultural. Esta função é intrinsecamente ligada à premissa de que a escola quilombola deve ser um ambiente de reconstrução da identidade negra e da memória coletiva, um ponto nevrálgico para a luta antirracista e decolonial.

A pesquisa de Iniciação Científica Júnior, conduzida pelo estudante Maycon Lima dos Santos, ilustra perfeitamente essa oportunidade, transformando a escola em um agente ativo na produção de conhecimento sobre sua própria realidade. Essa experiência prática busca romper com o olhar eurocêntrico da história e da educação, conforme a proposta da História Conectada e Transatlântica, validando as narrativas quilombolas como ciência legítima.

Um dos eixos mais relevantes da investigação é a profunda interdependência entre cultura e território. As reflexões sobre a Educação Ambiental contextualizada, realizadas ao longo do desenvolvimento do projeto, demonstram que a preservação da natureza está intimamente ligada à manutenção da cultura e dos modos de vida quilombolas. Este laço umbilical foi vivamente capturado nas entrevistas com as lideranças e educadores da comunidade. A fala da professora Daiara Cirene Fernandes, que afirmou que “é da mata que tiramos o produto para a subsistência”, sintetiza a vivência prática da sustentabilidade no cotidiano quilombola e a visão de mundo que orienta a relação com o meio ambiente.

Essa síntese entre território, natureza e identidade é o cerne dos princípios curriculares das DCNs para a EEQ, que orientam o ensino a basear-se na territorialidade, nas práticas culturais, nos acervos orais e nas formas de produção do trabalho. Ao dar centralidade a essa interdependência, o projeto IC Jr não só documenta a realidade local, mas também contribui com propostas para a melhoria da qualidade da educação, reforçando o papel da escola como espaço de voz para as comunidades tradicionais. A etapa final da pesquisa, que inclui a visita de campo para registro gráfico dessas expressões culturais, tem o objetivo de consolidar a experiência colaborativa, reafirmando o compromisso ético de escuta, respeito e reconhecimento das vozes quilombolas.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Neste estudo podemos dar uma atenção especial para as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNs para a EEQ), pois constituem o marco legal e pedagógico mais importante para orientar a educação destinada às comunidades quilombolas no Brasil.

Elas foram instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012, após o Parecer CNE/CEB nº 16/2012, e surgiram da necessidade de regulamentar a Educação Escolar Quilombola como uma modalidade da Educação Básica, garantindo o respeito às suas especificidades.

Como finalidade e abrangência, as DCNs visam orientar os sistemas de ensino a colocarem em prática a Educação Escolar Quilombola, mantendo um diálogo constante com a realidade sociocultural e política das comunidades. Elas se aplicam tanto às escolas localizadas em territórios quilombolas quanto às escolas que atendem estudantes oriundos dessas comunidades.

Em seus princípios Curriculares e Pedagógicos, a Educação Escolar Quilombola deve ser fundamentada na valorização e na legitimação dos saberes próprios das comunidades, superando uma visão de educação eurocêntrica. O currículo deve se basear nos seguintes elementos:

- **Memória Coletiva e Identidade:** A proposta deve valorizar a história, a cultura e a identidade étnico-racial quilombola.
- **Territorialidade:** Deve ser pautada na territorialidade, nas práticas culturais, nos festejos, usos e tradições das comunidades.
- **Saberes Locais:** Inclui a consideração dos marcos civilizatórios, das tecnologias e formas de produção do trabalho, e dos acervos e repertórios orais.
- **Organização Curricular:** O currículo pode ser organizado por eixos temáticos, projetos de pesquisa, temas geradores ou matrizes conceituais, trabalhando os conteúdos das diversas disciplinas numa perspectiva interdisciplinar.
- **Materiais Didáticos:** É exigida a produção e aquisição de materiais didático-pedagógicos e de apoio específicos, que respeitem a história e cultura quilombola.

Como gestão e desafios, as Diretrizes estabelecem que a gestão da Educação Escolar Quilombola deve seguir os princípios constitucionais da gestão democrática, sendo realizada por meio de diálogo, parceria e consulta às comunidades quilombolas.

Apesar da existência das DCNs, pesquisas indicam que a sua implementação enfrenta desafios significativos no contexto brasileiro, como a precariedade estrutural, o desconhecimento e o preconceito. Por isso, a mais recente Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (Pneerq), lançada em 2024, tem como uma de suas metas a consolidação da modalidade e a plena implementação dessas Diretrizes.

Em resumo, as DCNs para a EEQ buscam garantir o direito à educação diferenciada e específica, que reconhece e valoriza as narrativas, a cultura e a luta antirracista dos povos quilombolas.

PERSPECTIVA DECOLONIAL E INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR: O FORTALECIMENTO DO VÍNCULO ESCOLA-COMUNIDADE

A pesquisa investiga a educação e a cultura quilombola da Comunidade Rampa no Maranhão representa um avanço crucial, pois adota uma perspectiva decolonial, essencial para a educação brasileira contemporânea. Esta abordagem vai além de incluir a temática afro-brasileira no currículo, como previsto na Lei nº 10.639/2003, e busca efetivamente dismantlar a colonialidade do saber, que historicamente silenciou as epistemologias dos povos tradicionais.

É uma ação investigativa que transforma a escola em um laboratório de saberes onde os conhecimentos ancestrais, as tradições, a relação com o território e as práticas culturais da comunidade quilombola são reconhecidos como ciência legítima e insumos pedagógicos de alto valor. Ao engajar um estudante como bolsista de IC Jr, o projeto promove uma formação crítica e cidadã, capacitando o jovem para se tornar um protagonista na produção de conhecimento. Isso não apenas fortalece a trajetória acadêmica individual do aluno, preparando-o para o Ensino Superior, onde estudantes quilombolas ainda enfrentam desafios de acesso e permanência, mas também o estabelece como um articulador entre o universo acadêmico e a sua origem.

O resultado mais significativo é o fortalecimento do vínculo entre a escola e a comunidade. A pesquisa de campo e as entrevistas, ao valorizarem as vozes das lideranças e educadores locais, reconfiguram a escola como um verdadeiro "espaço de voz e visibilidade" para as comunidades tradicionais. Iniciativas de Iniciação Científica em escolas de comunidades tradicionais, como visto em outros exemplos no Brasil, demonstram a capacidade de gerar resultados expressivos, inclusive alinhados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, ao documentar práticas de sustentabilidade e preservação cultural. Dessa forma, a pesquisa não se encerra na produção de um artigo; ela se consolida como um exercício de engajamento social e político, que valida a identidade quilombola e contribui para que as políticas públicas sejam planejadas e implementadas em parceria real com as comunidades, enfrentando a precariedade e o preconceito. O projeto se torna, assim, uma ferramenta poderosa de resistência cultural e transformação social.

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR COMO VETOR DE TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E AGÊNCIA EPISTÊMICA

A Iniciação Científica Júnior como Vetor de Trajetória Profissional e Agência Epistêmica

A participação do estudante na pesquisa que investiga a educação e a cultura quilombola da Comunidade Rampa, transcende o escopo acadêmico imediato da escola, estabelecendo-se como um poderoso vetor de desenvolvimento de carreira e de agência epistêmica para o jovem. Este envolvimento precoce em pesquisa, especialmente em temáticas sociais e culturais relevantes, tem um impacto comprovadamente positivo na trajetória profissional e na entrada no ensino superior.

Para o estudante-bolsista, a IC Jr funciona como um programa de formação diferenciada, estimulando o desenvolvimento de habilidades e valores cruciais, muitas vezes não plenamente explorados no currículo regular. Dentre as principais contribuições para sua formação, destacam-se:

1. **Desenvolvimento do Pensamento Crítico e Científico:** O aluno é exposto a métodos e técnicas de pesquisa, aprendendo a delimitar um problema, formular hipóteses, coletar e analisar dados, e interpretar achados. Esse processo estimula o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, habilidades essenciais para qualquer área do conhecimento. No caso desta pesquisa, o jovem aprende a analisar a realidade complexa da educação quilombola com uma lente decolonial.
2. **Preparação para o Ensino Superior e Escolha de Carreira:** A experiência em pesquisa confere ao estudante uma vantagem competitiva no ingresso e permanência em universidades, sendo um diferencial valorizado em processos seletivos e até mesmo em programas de pós-graduação. Muitos alunos que participam de programas de IC Jr tendem a ingressar no ensino superior público e frequentemente optam por carreiras na mesma área em que realizaram suas pesquisas. A vivência no meio acadêmico e o *networking* com professores e pesquisadores da área de Ciências Humanas criam uma ponte direta para a vida universitária, ajudando o jovem a consolidar a escolha profissional.
3. **Agência Epistêmica e Pertencimento:** Ao investigar a sua própria comunidade e cultura, o estudante quilombola transforma-se de mero objeto de estudo em co-produtor de conhecimento. Esta experiência reforça o sentimento de pertencimento e valoriza sua identidade, conforme defendido pelos autores da pesquisa. O estudante adquire uma agência epistêmica — a capacidade de questionar e produzir saberes a partir da sua realidade —, posicionando-se como um agente de transformação social e um defensor



dos direitos e da memória coletiva de seu povo. Isso é particularmente significativo, pois estudos indicam que estudantes de grupos sub-representados na ciência tendem a relatar maiores ganhos de aprendizagem em experiências de pesquisa.

Em suma, a pesquisa no IEMA Pleno Vargem Grande não é apenas uma atividade escolar, mas um investimento no capital humano e social do estudante. Ele proporciona uma formação completa que une a excelência metodológica à responsabilidade ética e social, preparando o jovem para ser um profissional qualificado e um cidadão engajado na luta por uma sociedade mais justa e antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O XI Congresso Nacional de Educação (CONEDU), com sua proposta de discutir o tema "Fazer Educação a partir das Margens: Compromissos Formativos", oferece uma plataforma fundamental para a valorização de experiências que emergem de contextos historicamente marginalizados. Um evento dessa magnitude é crucial para a integração entre educação, culturas, sujeitos e práticas, impulsionando o debate em prol de uma sociedade mais inclusiva e humanitária.

Nesse contexto, o relato da pesquisa de Iniciação Científica Júnior "EDUCAÇÃO E CULTURA QUILOMBOLA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES", desenvolvida no IEMA Pleno Vargem Grande, Maranhão, é de extrema relevância para a educação brasileira. O estudo, que investiga a educação da comunidade quilombola Rampa para valorizar sua cultura e identidade se alinha ao movimento decolonial e à história conectada, buscando romper com o olhar eurocêntrico e afirmar os saberes ancestrais como ciência e pedagogia legítimas.

A apresentação desse relato em um congresso nacional é vital para dar visibilidade à educação quilombola como uma das expressões mais potentes de resistência e continuidade cultural afrodescendente no Brasil. A pesquisa reforça o papel da escola como espaço de voz para as comunidades tradicionais e contribui com propostas para a melhoria da qualidade da educação, apesar de desafios como a precariedade estrutural das escolas. A experiência demonstra que a valorização da cultura e dos saberes tradicionais, como a interdependência entre território, natureza e identidade (expressa em falas como "é da mata que tiramos o produto para a subsistência", é o caminho para uma educação decolonial e transformadora.

O projeto de Iniciação Científica Júnior (IC Jr) reafirma o valor dessa modalidade na educação básica, pois promove a formação crítica e cidadã dos jovens. Ao envolver diretamente

um estudante como bolsista de IC Jr, o projeto fortalece seu vínculo com a comunidade e o engaja em um "exercício de amor pedagógico, decolonial e comunitário". Para a comunidade quilombola, o estudo contribui para o fortalecimento identitário e a valorização dos saberes tradicionais. A etapa final, que inclui uma visita ao quilombo para registros gráficos, consolida o compromisso ético com a escuta, o respeito e o reconhecimento das vozes quilombolas, reforçando a escola como um espaço de resistência cultural. O impacto se estende às famílias e à comunidade, que veem sua cultura e identidade sendo validadas e estudadas com rigor científico.

Dessa forma, a inclusão desse tipo de pesquisa no CONEDU não apenas enriquece o debate acadêmico, mas também cumpre um papel político e social, ao reconhecer e legitimar o saber local como fonte de conhecimento e transformação, conforme a inspiração de Paulo Freire, que define educar como um ato político e cultural.

O desenvolvimento desta pesquisa evidencia que a educação quilombola é um espaço de resistência, aprendizagem e esperança. Ao longo do percurso, as discussões teóricas e práticas demonstraram que a valorização da cultura e dos saberes tradicionais constitui caminho para uma educação decolonial e transformadora.

A experiência de orientação reafirma o valor da iniciação científica na educação básica, promovendo a formação crítica de jovens e fortalecendo o vínculo entre escola e comunidade. A etapa final, com a visita ao quilombo e os registros gráficos, consolidará não apenas os resultados da pesquisa, mas também o compromisso ético com a escuta, o respeito e o reconhecimento das vozes quilombolas.

Como defende Freire (1996, p. 67), “a educação é um ato de amor e de coragem; não pode temer o debate”. Nesse sentido, a pesquisa constitui um exercício de amor pedagógico, decolonial e comunitário.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da (orgs.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais, desenhos globais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Quito: CLACSO, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

VIEIRA, Tacyele Ferrer et al. **Educação ambiental em comunidades tradicionais**. Mossoró: EDUERN/UFC, 2017.